

SINAIS ICÔNICOS NA ARTE SURDA: UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA COM SURDOS E OUVINTES

Iconic Signs on the Deaf Art: An Educational Experience with Deaf and Hearing

João Paulo Ferreira da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho é resultado de um relato de experiência sobre uma oficina pedagógica intitulada "Artes Surdas", realizada no evento II Setembro Azul do INES em 2017. Fazemos o percurso de defesa sobre o uso de sinais icônicos na língua de sinais e suas mesclas com atividades artísticas por meio de uma inspiração baseada na vida/obra do artista americano surdo Chuck Baird (1947-2012). Discussões sobre cultura surda, assim como de povo surdo, têm por referências textos de Strobel (2008) e de Perlin & Miranda (2003). As artes plásticas de surdos compõem o campo da(s) Cultura(s) Surda(s) que é muito fértil para novos olhares

ABSTRACT

The present work is the result of an experience report on a pedagogical workshop entitled "Deaf Arts" held at the event INES II Blue September 2017. We will follow the defense course on the use of iconic signs in sign language and their mixtures with activities based on an inspiration from the life/work of deaf American artist Chuck Baird (1947-2012). Discussions about deaf culture, as well as about deaf people, refer to texts by Strobel (2008) and Perlin &

¹ Pós-Graduando Lato-Sensu em Educação de Surdos: uma perspectiva bilíngue em construção, INES/RJ; mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ); arte-educador da Secretaria do Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ).

reflexivos, críticos, multicores, híbridos, fruto de misturas e de diálogos para novas pesquisas que contribuam para a comunidade surda.

reflexivos, críticos, multicores, híbridos, fruto de misturas e de diálogos para novas pesquisas que contribuam para a comunidade surda.

Miranda (2003). The deaf arts make up the field of Deaf Culture(s) that is very fertile for new reflective, critical, multi-colored, hybrid, result of mixtures and dialogues for new researches that contribute to the deaf community.

PALAVRAS-CHAVE

Arte Surda; Língua Brasileira de Sinais; Sinais icônicos.

KEYWORDS

Deaf Arts; Brazilian Sign Language; Iconic Signs.



PROGRAMAÇÃO II Setembro Azul

08hs	Inscrição e café de manhã
08:40/09:00	Abertura do evento - Representante do DESU e INES
09:00/12:00	Profa. Dra. Flaviane Reis – “Professores Surdos no Ensino Superior” Prof. Mestre Lucio Cruz Silveira Amorim – “Políticas públicas da cidade de Uberlândia” Local: Auditório do Prédio Principal do INES Profa. Cinthia Kazan (INES) – “O papel do surdo no contexto escolar: professora na sala de aula” Perola Juliana Abreu – “Vamos liberar na sala de aula?”
12:00	Almoço
14:00 /17:00	Escrita de Sinais – Prof. Bruno Vitelli Material Didático – Profs. Kella e João Bulhões Oficinas Artes Surdas – Prof. João Paulo Silva Local: Salas do DESU Como trabalhar com Surdocego? Profa. Rosani Suzin
17:00	Encerramento

INSCRIÇÃO NAS OFICINAS - ENCERRADA

DIA 25/09

REALIZAÇÃO:
DESU/INES

APOIO:
ARARA AZUL
CIACS
GPIL12
FENEIS

SETEMBROAZUL

Figura 1 – Imagem de folder da programação

Introdução

Este texto é um relato de uma oficina pedagógica intitulada “Arte Surda”, realizada no II Setembro Azul do INES, em comemoração do mês do Surdo, no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), na cidade do Rio de Janeiro. A Figura 1 mostra a breve programação do evento realizado no dia

25 de setembro de 2017. O formato que estive incumbido realizar foi o de oficina pedagógica, totalizando três horas. O conteúdo elaborado foi de Artes Surdas, mais especificamente, um trabalho sobre Sinais Icônicos na Arte Surda. O número de cursistas inscritos em minha oficina foi de vinte pessoas, dentre as quais dezessete eram surdas e três ouvintes, de ambos os sexos.

Justificamos a escolha dessa temática para defesa com base em que Artes não é só uma disciplina escolar ensinada entre quatro paredes, a Arte está presente em todos os momentos das nossas vidas, desde que os seres humanos começaram a deixar as marcas de suas mãos no interior das cavernas.



Figura 2 – Pinturas rupestres no Parque da Capivara



Figura 3 – Desenhos em cavernas na França e Espanha: a maioria feita por mulheres

Assim, considerando as mãos fatores relevantes como meio de expressão artística e como meio de comunicação, nos dedicamos aos meios de expressão da comunidade surda por meio da língua de sinais. Os sinais icônicos resgatam um registro de pertencimento do uso da língua de sinais pelos Surdos através do que podemos denominar de Arte Surda.

Faremos o percurso de defesa sobre o uso de sinais icônicos na língua de sinais e de suas mesclas com atividades artísticas por meio de uma inspiração baseada na vida/obra do artista americano surdo Chuck Baird.

O artista americano surdo Chuck Baird nasceu com surdez moderada em 1947 e faleceu em 10 de fevereiro de 2012. Quando criança estudou na Kansas School for the Deaf², uma escola de surdos dos Estados Unidos. Na sua juventude, estudou na Gallaudet College³ e no National Technical Institute for the Deaf⁴ (NTID).

Durante sua carreira artística, **Chuck Baird** trabalhou como ator e cenógrafo no teatro, assim como dedicou-se à pintura e à escultura. A Chuck Baird Foundation⁵ foi coordenada pelo próprio artista, tendo como missão promover e contribuir para a formação de novos artistas surdos. Na maioria de suas obras de arte, o artista americano apresentou a língua de sinais como elemento da comunidade surda, a pintura como instrumento para divulgar a própria língua e mostrar a Arte Surda para o público apreciador de trabalhos artísticos no campo da pintura.

Referencial teórico

Para a discussão das questões acerca dos “Sinais Icônicos na Arte Surda: uma experiência educativa com surdos e ouvintes”, as referências bibliográficas

² A Escola Estadual de Surdos do Kansas (EUA) é a instituição educacional estadual mais antiga do estado do Kansas. A escola é conhecida por sua excelência acadêmica na preparação para a pré-faculdade e por seu programa de carreira e transição, que leva à colocação no trabalho após a graduação. A escola trabalha desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Link institucional: <<http://www.ksdeaf.org>>.

³ A Universidade Gallaudet (EUA) é a única universidade do mundo cujos programas são desenvolvidos para pessoas surdas. É uma instituição privada, que conta com o apoio direto do Congresso desse país. A primeira língua oficial da Gallaudet é a American Sign Language (ASL), a língua de sinais dos Estados Unidos (o inglês é a segunda). Link institucional: <<https://www.gallaudet.edu>>.

⁴ O Instituto Técnico Nacional para Surdos (EUA) é uma instituição privada das nove faculdades do Instituto de Tecnologia de Rochester, Nova Iorque, e abriga a primeira e maior faculdade tecnológica do mundo para alunos surdos e com deficiência auditiva. Link institucional: <<https://www.rit.edu>>

⁵ A Fundação Chuck Baird é uma agência sem fins lucrativos para a promoção de artistas visuais surdos emergentes, tendo como missão promover e contribuir com a formação de novos artistas que buscam a arte como profissão. Link da instituição: <www.chuckbairdfoundation.org>.

para a oficina foram fundamentadas em textos de Fischer (1996) e Proença (2007) sobre o conceito de Arte.

A contribuição teórica acerca da função e das origens da Arte, segundo Fischer, nos faz refletir sobre a infinita capacidade humana. Tal capacidade faz o homem criar e recriar o modo de ver o mundo através da realidade em suas experiências e ideias como um processo consciente. Durante a oficina, os participantes tiveram seu momento de reflexão sobre as obras apresentadas para que em seguida pudessem transformar o conhecimento em arte e a arte em conhecimento.

Discutir e teorizar sobre Arte nos remete a Proença (2007). Ela estabelece um panorama sobre a História da Arte, o modo como a produção humana se desenvolveu ao longo dos anos em relação ao entendimento do processo cultural do que hoje conhecemos como Arte. Tal contribuição nos ajudou a refletir sobre o conceito de Arte Surda através da História da Educação dos Surdos.

Também foi utilizada na oficina, e neste artigo, a “Proposta Triangular do Ensino da Arte” sistematizada por Barbosa (2007) nos anos 90. Nessa proposta, a construção do conhecimento da Arte é a primeira ação que envolve o momento de descoberta, curiosidade, leitura e crítica. No segundo momento ou ação, a proposta é levar o educando ao ato de fazer, aprender fazendo, ou seja, fazer uma releitura com base no conhecimento e nas leituras de outras obras. Já no terceiro momento ou ação, a contextualização faz o aluno refletir e apreciar uma obra de arte, pois o contato com a Arte leva o aluno ao desenvolvimento da inteligência, do raciocínio, e da parte afetiva e emocional. Tal proposta desenvolvida por Barbosa (2007) aponta caminhos para o ato do apreciar, fazer e refletir sobre o ensino da arte (ou da Arte propriamente dita).

Discussões sobre cultura surda, assim como sobre o povo surdo, têm aqui por referências textos de Strobel (2008) e Perlin & Miranda (2003) respectivamente. As reflexões desses autores têm contribuído para um olhar mais criterioso sobre a comunidade surda, sua identidade, o sujeito surdo, a língua de sinais e a experiência visual dos próprios surdos. Esses conceitos apresentados pelos referidos autores foram de grande relevância para a construção da teoria e da prática da oficina.

Por fim, este estudo aborda uma reflexão sobre a visualidade, com os autores Rosado & Taveira (2018), e os sinais icônicos, com Quadros & Karnopp

(2004). Tais contribuições nos fizeram entender a estrutura da língua de sinais em relação aos sinais icônicos e à expressão visual, de grande importância para esta pesquisa.

Não teremos como foco o estudo linguístico neste relato de experiência, mas cabe uma abordagem sobre o assunto, uma vez que a oficina dialoga com os sinais icônicos produzidos nas obras do artista americano Chuck Baird.

Relato de experiência

O II Setembro Azul, foi organizado pelo Departamento de Ensino Superior (DESU), do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

O tema central do evento, deflagrado pela faculdade, foi “Ensino e estratégias dos professores Surdos no Ensino Superior”. O evento convidou vários palestrantes surdos – e oficinairos surdos e ouvintes (5) – bem como representantes do DESU. Coube aos representantes Professora Dra. Flaviane Reis, Professor Ms Lucio Cruz Silveira Amorim, Professora Cinthia e Professora Perola Juliana Abreu realizarem a apresentação oficial do evento com as palestras de abertura.

O II Setembro Azul delimitou como objetivo principal: “uma exaltação a um mundo e cultura mais igualitário, fundado em uma política de formação de professores, de língua de sinais e de escolas públicas de qualidade para todos os grupos humanos que, em suas radicais diferenças, dão vida ao nosso país.”

Tendo eu recebido o convite para participar como um dos oficinairos para um público máximo de trinta pessoas, no horário das 14h às 17h, tive como temas e seus respectivos dinamizadores os seguintes professores:

- Escrita de Sinais – Professor Humberto Gripp Diniz
- Material didático – Professores Keila e João Bulhões
- Artes Surdas – Professor João Paulo Silva
- Como trabalhar com Surdocego – Professora Rosani Suzin

O público se dividiu em quatro grupos de no máximo 30 pessoas cada.

Minha oficina se dividiu nos três momentos de acordo com a “Proposta Triangular do Ensino da Arte” citada na parte inicial deste artigo. No entanto, gostaria de melhor evidenciar o trabalho da professora Dr^a. Ana Mae Tavares

Bastos Barbosa⁶ (1991; 2007). Referência em arte-educação do ensino da Arte no Brasil, ela afirma que: “não é possível conhecer um país sem saber e compreender a sua história e a sua arte”. Essa proposta procura englobar vários pontos de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo, entre os principais: **conhecer, fazer e apreciar**.

Dessa maneira, o objetivo da minha oficina apresentada no II Setembro Azul foi estabelecer uma relação entre a Artes Surdas com os Sinais Icônicos apresentados nos trabalhos do artista americano Chuck Baird. Segundo Taveira (2014), esta opção educacional combina com o que afirma a pesquisadora surda Strobel, que o artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, como e de que modo pode interpretar e expressar suas culturas.

Primeiro momento: conhecer

Iniciou-se a aula com os alunos em suas carteiras, em formatos de “U” (semi-círculo), para que todos pudessem interagir uns com os outros. Os recursos utilizados para esse primeiro momento foram um computador, um *datashow* e uma parede branca para a projeção do assunto apresentado durante a oficina.

O momento de conhecer, de acordo com a “Proposta Triangular do Ensino da Arte” de Barbosa (1991), está no campo da reflexão do ensino de Arte, para que possa ser entendido, e em seguida, ser realizada a execução de uma prática. Logo, nesse momento começamos a questionar – ou a definir coletivamente – alguns conceitos tais como:

- Arte
- Arte Surda
- Língua de sinais
- Sinais Icônicos

Cabe aqui melhor explicitar esses conceitos em sua teoria para que, ao mostrarmos o desenvolvimento da prática, possamos entender a proposta da oficina – e do processo de aclarar e realimentar a própria teorização – para/com os alunos surdos e ouvintes.

⁶ Sobre Ana Maria Mae, temos um vídeo do Manuário da TV INES que apresenta a autora à Comunidade Surda, disponível no endereço: <<http://tvines.org.br/?p=19966>>.

A oficina foi em Língua Brasileira de Sinais (Libras), tanto para/com ouvintes como para/com surdos, sem a presença de intérprete. As conversas, discursos e explicações foram elaborados em Libras em respeito à comunidade surda e à comemoração ao evento.

Conceito de arte

Para fundamentar o conceito de arte (ou Arte) com o grupo da oficina antes de abordar outros temas pertinentes à Arte Surda, foram relevantes autores como Fischer e Proença para tal discussão.

Segundo Fischer (1966), a arte é o meio indispensável para a união do indivíduo com o todo, ou seja, com o instrumento da Arte, e o ser humano se encontra na capacidade de associação e pertencimento entre as partes, com possibilidades de trocas de experiências e ideias, uma vez que essa capacidade humana é cada vez mais criativa.

Proença (2007) ressalta que o ser humano cria objetos não apenas para se servir deles, mas também para expressar seus sentimentos diante da vida. A representação desses objetos pode ser encontrada de diferentes maneiras durante a História da Arte.

Nesse primeiro momento, cada um teve que dizer numa única palavra sobre o que entendia por ARTE. Essa conversa reflexiva com o grupo foi para entender a pergunta sem muito *a priori*, delimitando simplesmente “**o que é arte?**”

Arte surda

O termo Arte Surda é um conceito contemporâneo. Para a oficina foi utilizado o site culturasurda.net⁷ como referência para as diversas manifestações artísticas na/da Comunidade Surda, que no site subdividem-se em: “Cultura Surda”, “Culturas no plural” e “Cuidado com os estereótipos”.

Entende-se como Arte Surda as produções artísticas relacionadas às culturas surdas, que expressam de diferentes maneiras: a história, as lutas, as línguas, as experiências cotidianas, os protagonismos, os marcadores culturais, as narrativas, as

⁷ O site culturasurda.net foi criado em 2011, reúne produções culturais de, sobre e para surdos de diferentes países e é administrado por Hugo Eiji, paulista, ouvinte, mestre em Ciências da Cultura pela Universidade de Lisboa.

tensões e os desafios (EIJ, 2018). Há artistas surdos em diferentes contextos, como atores, poetas, pintores, mágicos e de outras linguagens, conforme vislumbramos na detalhada catalogação do site “culturasurda.net”.

No segundo momento da oficina, na apresentação do site “culturasurda.net”, foram mostradas algumas das diferentes expressões artísticas encontradas na comunidade surda tais como: teatro, música, dança, pintura, poesia desenvolvidas por artistas surdos e ouvintes.



Figura 4 – Imagem da apresentação de slide da oficina
 Fonte: <https://culturasurda.net>

A experiência visual surda advém dos meios de produções culturais surdas, de sua forma de comunicação por meio da língua de sinais, conforme Perlin e Miranda (2003) definem:

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual, surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura (p. 218).

Segundo Strobel (2008)

Antes a história cultural dos povos surdos não era reconhecida, os sujeitos surdos eram vistos como deficientes, anormais, doentes ou marginais. Somente depois do reconhecimento da língua de sinais, das identidades surdas e, na percepção da construção de subjetividades, motivada pelos Estudos Culturais, é que começaram a ganhar força as consciências político-culturais. Em determinados momentos, quando a luta por posições de poder ou pela imposição de ideias revela o manifesto política cultural dos povos surdos. (p. 90).

Quando abordamos as Produções Culturais Surdas, faz-se necessário uma definição sobre o conceito de Comunidade Surda, parafraseando a autora Strobel (2008) a qual escreve que o sujeito surdo tem uma forma diferente de viver do sujeito ouvinte, com valores e crenças transmitidas de geração a geração através do contato entre seus pares pelas Associações de Surdos – e pelas próprias vivências artísticas suscitadas nesses e noutros espaços.

Língua de sinais

Embora todos os participantes da oficina usassem a Libras como meio de comunicação como primeira língua (L1) ou segunda língua (L2), a explicação sobre o reconhecimento da Lei de Libras nº 10.436/02⁸ só fez reforçar a importância da utilização dessa língua como meio de comunicação da comunidade surda.

Sobre a língua de sinais, fizemos uma reflexão sobre a citação abaixo:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 44).

Para essa citação, cabe aqui explicitar o conceito de povo surdo citado pela mesma autora:

⁸ A Lei de Libras nº 10.436, de 24 de abril de 2002, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Em seu Art. 1º, “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais — Libras — e outros recursos de expressão a ela associados”.

Quando pronunciamos “povo surdo”, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (...)

Se uma língua transborda de uma cultura, é um modo de organizar uma realidade de um grupo que discursa a mesma língua como elemento em comum, concluímos que a cultura surda e a língua de sinais seriam uma das referências do povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 31).

Dessa forma, uma conversa enfatizando a importância das conquistas pela comunidade e a legislação em vigor foi realizada durante a oficina a partir de conceituações oriundas da própria comunidade acadêmica, que inclui pesquisadores surdos e também ouvintes.

Sinais icônicos

Cada língua humana apresenta um padrão de organização dos seus elementos como forma de estruturação linguística morfológica, sintática e semântica. O intuito dessa oficina não foi apresentar conceitos linguísticos, mas estabelecer um diálogo entre a língua de sinais e a Arte Surda.

Dessa maneira, o conceito de Sinais Icônicos foi apresentado sob a forma de imagens e, em seguida, brevemente, de forma teórica para que no segundo momento a relação entre língua e Arte pudesse ser estruturada de uma forma única, coesa, amalgamada, linkada. Ou seja, não desejávamos voltar ao termo específico, duro, frio e distanciado de uma prática ou da vivência com o termo.



Figura 5 – Imagens de objetos que possuem sinais icônicos na Libras.

Fonte: João Paulo Ferreira da Silva.

A imagem anterior refere-se à apresentação de slide da oficina que mostra objetos que possuem sinais icônicos. Veja que os objetos estão parcialmente representados no “volante do carro”, no “telhado da casa”, para representar “carro”, “casa”. O mesmo com as demais imagens representadas com seus sinais icônicos fazendo referência ao objeto ilustrado como “telefone” e “árvore” – conforme ilustrado na Figura 6:

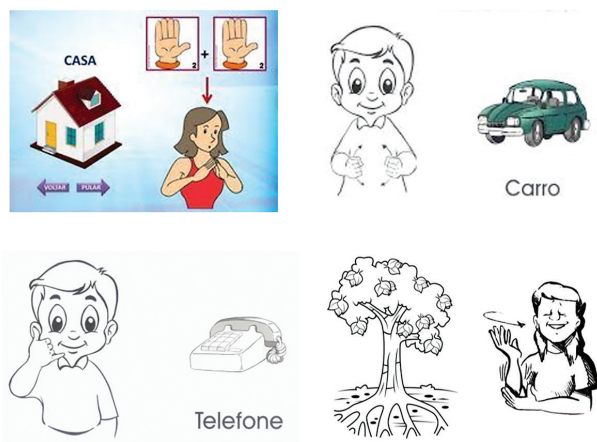


Figura 6 – Esquema objeto + sinal.

A partir da definição a seguir, das autoras Strobel e Fernandes (1998), foi discutido o conceito de “sinais icônicos” com os participantes da oficina:

Uma foto é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da Libras, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado [...]. Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente [...]. (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 7).

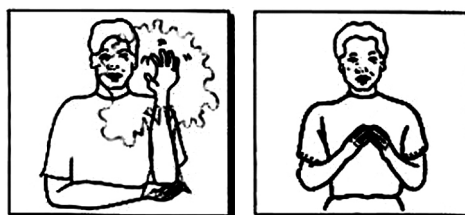


Figura 7 – Sinais icônicos “árvore” e “casa” em Libras (STROBEL; FERNANDES, 1998)

Segundo Rosado e Taveira (2018),

em relação à **língua e à** expressão visual, no momento em que o português perde seu aspecto central, ganham terreno: o corpo, a oralidade, a sinalidade e o visual. Volta-se ao referente – ao objeto –, à situação propriamente dita. Porém, isso não significa abrir mão do território simbólico (p. 503).

Esses autores nos chamam a atenção para abrir mão da disputa entre línguas (Libras versus Língua Portuguesa) e observar o comportamento de cada uma na constituição dos suportes e de recursos referentes aos encadeamentos e às misturas entre imagem e texto, na Libras e em português, entre matrizes de linguagem (sonora, visual e verbal). O pouco entendimento sobre o que são as matrizes de linguagem e pensamento, principalmente quanto ao aspecto visual, causa equívocos e nos impulsiona ao estudo e à construção de outros olhares para desfazer mitos.

Apresentação das obras de arte

Como aspecto relevante para a oficina, também foi apresentada nesse primeiro momento para o grupo a história de quem foi o artista americano surdo Chuck Baird. Foram mostradas imagens do artista e suas obras de arte, e, a cada uma delas, demos o título ou tema e o sinal em *American Sign Language* (ASL) e Libras. No exemplo da primeira tela artística, Crocodilo, observe que há um espelho na água, um reflexo da “abertura de boca”, um provável “abocanhar” e esse seria o sinal de crocodilo (como também de jacaré).



Figura 8 – Crocodilo (Arte de Chuck Baird)
“CrocodileDunDee” By Chuck Baird.

Fonte: http://www.deafart.org/Biographies/Chuck_Baird

Veja que na próxima pintura há algo que se assemelha a um dedo no formato da cabeça da tartaruga saindo do casco. “Fingershell”, de Chuck Baird, brinca com a cultura surda, valorizando-a. Tanto o sinal da tartaruga quanto as datilologias têm um valor altamente visual e expressivo para a comunidade surda.



Figura 9 – Tartaruga (Arte de Chuck Baird)

“Fingershell” By Chuck Baird

Fonte: http://www.deafart.org/Biographies/Chuck_Baird

Já na pintura seguinte, a forma como a mão é representada na imagem se assemelha parcialmente à cauda de uma baleia. Esse sinal em ASL é representado da seguinte forma: braço esquerdo horizontal dobrado em frente ao corpo, mão horizontal aberta, palma para baixo, apontando para a direita; mão direita em Y horizontal em pequenos movimentos ondulados do cotovelo à mão esquerda.



Figura 10 – Baleia (Arte de Chuck Baird)

“Whale” By Chuck Baird

Fonte: http://www.deafart.org/Biographies/Chuck_Baird

Essas três imagens, obras do artista Chuck Baird foram selecionadas para a oficina. Com a apresentação de cada uma, o sinal e a composição artística eram discutidos com o intuito de ler a obra de arte, conforme a proposta de Barbosa (2007).

Segundo momento: fazer

Nesse segundo momento foi solicitado aos grupos que produzissem um material artístico, ou seja, fizessem uma releitura das obras bidimensionais apreciadas do artista Chuck Baird. A representação dos sinais icônicos foi produzida pelas próprias mãos com os sinais em Libras e foi acrescido um plano de fundo com uma pintura em papel A3, feita separadamente, para que os grupos pudessem representar um cenário para a apresentação do sinal icônico. Ambas as formas de representação inseridas de uma única maneira: sinal icônico com as próprias mãos e plano de fundo com o papel A3, seriam representações bidimensionais e tridimensionais na mesma apreciação artística.

Usamos todo o tempo, como norteadoras ou inspiração, obras em ASL do artista americano Chuck Baird apresentadas na oficina e já inseridas neste artigo nos três exemplos: crocodilo, tartaruga e baleia.



Figura 11 – Sinal icônico, quadro representando “o quadro do autorretrato do pintor” Chuck Baird. Autorretrato do artista Chuck Baird

Fonte: http://www.deafart.org/Biographies/Chuck_Baird

Divididos em duplas, os participantes sortearam uma palavra em português para ser representada em Libras por meio de uma obra de arte. Cada dupla sorteou uma única palavra:

1. Tartaruga
2. Borboleta
3. Hipopótamo
4. Aranha
5. Casa
6. Skate
7. Capoeira
8. Árvore
9. Balão
10. Barco

Numa mesa central foram colocadas tintas guache coloridas, pincéis e papel A3. Não só as mãos dos alunos durante a oficina foram pintadas, mas um dos objetivos era que também se preocupassem com o plano de fundo, ou seja, durante a apresentação, o plano de fundo seria colocado para que as representações das imagens nas mãos dos alunos tivessem uma visibilidade mais artística, diferentemente das obras do artista americano Chuck Baird, em que as mãos foram pintadas diretamente nas telas de arte.

A seguir, o momento da criação das pinturas pelos alunos da oficina. No primeiro exemplo, observem as mãos pintadas: polegar de uma das mãos representando a cabeça da tartaruga e o dorso da outra mão, representando o casco. As duas mãos encaixadas formam o sinal em Libras para tartaruga. Essa mesma forma de representação dos sinais icônicos foi feita pelos outros grupos ao pintarem não só as mãos, mas os dedos, dorso, unhas, conforme as palavras sorteadas.



Figura 12 – “Tartaruga” em Libras (Artes Surdas)
“Tartaruga” – Oficina de Artes Surdas/INES.
Fonte: João Paulo Ferreira da Silva

A seguir, estou com uma máquina fotográfica e os cursistas com os seus “planos de fundo”, para que os posicionem atrás, e suas mãos pintadas, que ficarão dispostas à frente dos fundos. O fundo representa um cenário, ambiente para a figura principal, o sinal em Libras. Essa tarefa foi chamada de “composição artística”.



Figura 13 – Fotos da etapa de demonstração da montagem da
“tela artística” ou “releitura de Chuck Baird”
Figuras do Registro da Oficina de Artes Surdas/INES
Fonte: João Paulo Ferreira da Silva

As telas artísticas eram releituras da Arte Surda de Chuck Baird, mas também mixagens em movimento verbal, visual, rítmico, mistura de corpo e pintura, emoção e reflexão teórica, o que dava margem a outros modos de expressão e comunicação à comunidade surda presente, tais como entendido nas análises de Rosado e Taveira (2019).

Segundo Barbosa (2007), existe uma diferença entre o fazer artístico como reprodução de uma cópia e a produção de uma releitura:

O que se quer com isso? A cópia diz respeito ao aprimoramento técnico (por apropriação de procedimentos e tentativa de imitação nas resoluções de problemas) sem transformação, sem interpretação e sem criação. Na releitura há transformação, interpretação e criação com base em um referencial: o texto visual que pode estar explícito ou implícito no trabalho final do aluno. Ambas são atividades de ensino, mas uma é da ordem da reprodução e outra da criação. (BARBOSA, p. 69, 2007).

Durante a oficina, foi solicitado aos alunos que usassem a criação em suas respectivas obras, desenhando em suas próprias mãos, conforme imagens nas Figuras 11 e 13 para representar os sinais icônicos sorteados.

Mas a preocupação em elaborar uma composição artística, não só a imagem das mãos em primeiro plano, se fez necessária. Foi preciso reproduzir e/ou criar o plano de fundo (fundo específico ou cenário) e inserir nele a representação da imagem icônica (sinal em Libras) realizada com as próprias mãos previamente pintadas. Essa junção representaria a tela artística ou a composição em dupla.

Dessa forma, havia um planejamento e uma criação em dupla e a execução (com)partilhada: enquanto um se preocupava em representar a imagem icônica, o outro-participante desenhava o fundo da imagem no papel A3.

Observamos na Figura 14 o desenho de uma paisagem. Os sinais nele representados poderiam ser diversos, mas a proposta da oficina era que o plano de fundo seria uma base para o sinal icônico sorteado.

Houve cuidado com os detalhes, em desenhar cada parte do desenho; alguns dos participantes desenharam também a imagem (por exemplo, o hipopótamo) que representava a palavra sorteada, e a dupla fazia a representação do sinal em Libras, por vezes parcialmente a imagem representada (exemplo: boca do hipopótamo mastigando).



Figura 14 – Desenho de plano de fundo: “paisagem”
Desenho de Plano de Fundo - Oficina de Artes Surdas/INES
Fonte: João Paulo Ferreira da Silva



Figura 15 – Desenho de plano de fundo: “paisagem”,
mais as imagens de “hipopótamo” e “borboleta”



Figura 16 – Detalhe do “Sinal icônico em Libras”
para “hipopótamo” e “borboleta”



Figura 17 – Composição para plano de fundo mais sinais “hipopótamo” e “borboleta”
 Registro da Oficina de Artes Surdas/INES
 Fonte: João Paulo Ferreira da Silva

Nessas últimas figuras observamos o resultado completo da *Oficina de Sinais Icônicos na Arte Surda*. Com as imagens apresentadas em seus respectivos detalhes, observamos que o desenho do objeto no papel era apenas para representar o sinal que seria apresentado em Libras já que o sinal icônico poderia ser parcial, ou seja, se referia a uma parte do animal (hipopótamo) ou à sua totalidade (borboleta). De qualquer modo, ambos representam a realidade, seja ela parte do objeto ou de sua totalidade, diferentemente de um sinal arbitrário⁹.

Após a apresentação de cada dupla, conversamos sobre a oficina, assunto esse desenvolvido no terceiro momento: contextualizar.

Terceiro momento: contextualizar

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (1991) permite uma interação dinâmica no ensino da Arte; na oficina, os dois primeiros momentos existiram, segundo a proposta triangular, para que o participante pudesse, de

⁹ Sinal Arbitrário, não há uma conexão intrínseca entre a palavra ‘cão’ e o animal que ela simboliza. Para uma classificação mais detalhada ver Quadros (2004).

forma mais construtiva, conseguir contextualizar o que estava sendo desenvolvido em termos teórico-práticos. O terceiro momento consolidou, contextualizou e alimentou as reflexões dos dois momentos anteriores.

Segundo a própria autora:

A Proposta Triangular não indica um procedimento dominante ou hierárquico na combinação das várias ações e seus conteúdos. Ao contrário, aponta para o conceito de pertinência na escolha de determinada ação e conteúdos enfatizando, sempre, a coerência entre os objetivos e os métodos. (BARBOSA, p. 69, 2007).

Essa proposta triangular apresentada como ferramenta metodológica para a oficina de Artes Surdas foi de encontro com a temática em questão, assim como coloca em prática o conteúdo apresentado e debatido no primeiro momento. Já no segundo momento, o fazer possibilita a releitura da obra para que desperte, no grupo, o interesse em conhecer mais um pouco o artista surdo com seus trabalhos sobre Arte Surda.

Reconhecemos nesse terceiro momento que, quando a pessoa surda ou ouvinte, envolvida com a comunidade surda, não tem o contato com as artes plásticas dessa cultura, o ensino de arte surda parece não conquistá-la e não ser pertinente ao fazer artístico e pedagógico. Em eventos voltados para a divulgação da comunidade surda é muito importante aliar esse conhecimento – cultural, artístico e pedagógico.

Os participantes da oficina, após retornarem aos seus lugares, com as apresentações finalizadas, tiveram seu tempo para contextualizar o conteúdo.

Apenas duas pessoas dos vinte participantes, os mais envolvidos com a Arte Surda, já conheciam o artista americano Chuck Baird. Todas os demais ficaram surpresos durante as apresentações artísticas.

Ler, fazer e contextualizar fez dessa oficina uma prática reflexiva para que os envolvidos pudessem não só ser sujeitos criadores, inventivos, reflexivos e não-passivos, como também, diríamos, apaixonados, por uma língua, seu povo e arte. Além disso, acrescentaríamos o importante papel da oficina/oficineiro de levar o público a conhecer e experienciar algo novo durante um evento. Em síntese, o participar experimentando o objeto artístico permitiria refletir sobre a cultura surda.

Considerações finais

O presente trabalho é o resultado de um relato de experiência sobre “sinais icônicos na arte surda” a partir dos trabalhos criativos do artista americano Chuck Baird, tendo como suporte teórico-metodológico a proposta triangular de Ana Mae Barbosa.

Verificamos que apresentar o conceito de arte surda em meio/permeado pelo fazer artístico como prática, sem abrir mão da teoria, se faz possível, principalmente, por intencionarmos uma contextualização dos envolvidos. O trabalho mostrou um resultado muito positivo em relação ao conteúdo sobre Arte Surda. A proposta triangular de Ana Mae Barbosa contribuiu para o desenvolvimento dessa pesquisa acadêmica.

Pensar nos conceitos de arte surda, povo surdo, comunidade surda foi possível também por estarmos envolvidos nesse evento. A análise dos sinais icônicos da língua de sinais em paralelo à arte surda nos permite lançar luzes e cores à Lei de Libras nº 10.436/02 e reforçar a importância da utilização da língua como meio de comunicação e expressão da comunidade surda.

As artes plásticas de surdos compõem o campo da(s) Cultura(s) Surda(s) que são muito férteis para novos olhares reflexivos, críticos, multicores, híbridos, frutos de misturas e de diálogos para novas pesquisas que contribuam com a comunidade surda.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BARBOSA, A. M. (Org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2007.

EJJI, H. *Produções culturais Surdas*. In: *Mediações Acessíveis: ciclo de encontros sobre acessibilidade em espaços de educação e cultura*/Instituto Tomie Ohtake. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2018.

FISCHER, E. *A necessidade da arte: uma interpretação marxista*. Rio de Janeiro: Zahar Edições, 1966.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. Ponto de Vista, Florianópolis, n. 05, 2003, p. 217-226.

PROENÇA, G. *História da Arte*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

QUADROS, R. M. de. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2004.

ROSADO, A.; TAVEIRA, C. Monografar em Libras: buscando padrões de escrita em vídeo-registros acadêmicos. *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo (SP), v. 6, n. 12, p. 498-529, dez. 2018

ROSADO, A.; TAVEIRA, C. Proposta de uma gramática visual para descrição e análise composicional de vídeos digitais em Línguas de Sinais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 25, p. 355-372, 2019.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

TAVEIRA, C. *Por uma didática da invenção surda: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro*. Orientadora: Vera Maria Ferrão Candau. 2014. 365 f.: il. (color); 30 cm. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2014.